

A EXISTÊNCIA DE DEUS EM TEMPOS DE ATEÍSMO

Suely Lisboa¹

RESUMO: Falar em Deus, e sua existência ou não, sempre foi motivo de debates no âmbito da ciência, sobretudo na Filosofia, quer pela própria singularidade de uma crença lastreada pela fé ou mesmo a partir de uma idealização de um ente superior que protege e ao mesmo tempo pune os que não comungam dos seus preceitos. E nesse dualismo, em outro lado temos os ateus, palavra originária do termo grego *atheos*, traduzido literalmente como “sem deus”, que consiste numa visão filosófica em que é necessária uma comprovação científica da crença subjetiva da existência de um ser transcendental. É quando surgem as perguntas, se Deus existe porque ele permite tantas atrocidades no mundo? Aonde está o seu poder de “proteger”, sobretudo, os seres inocentes de contínuas práticas horrendas, inclusive em nome da religião ou de preceitos culturais característicos de cada sociedade? Por outro lado, percebemos o ateísmo ocupar cada vez mais espaços entre as sociedades contemporâneas, talvez motivados pelo descrédito nas religiões, por experiências pessoais de “falsas profecias” ou de supostas “visões divinas”, nunca comprovadas cientificamente, além do contínuo esvaziamento de fiéis das igrejas e/ou templos religiosos no atual século. Desta forma, é nesse breve relato que pretendo explicar neste artigo os problemas, mostrar os pontos críticos e a provável solução, através de justificativas dentro da Filosofia, para o tema a ser desenvolvido.

PALAVRAS-CHAVE: Deus. Ateísmo. Ciência. Filosofia.

THE EXISTENCE OF GOD IN TIMES OF ATHEISM

ABSTRACT: Talking about God and his existence or not, has always been a matter of debate in the field of science, especially in Philosophy, either because of the uniqueness of a list backed by faith or even from an idealization of a superior being who is protected and at the same time it punishes only those who do not share its precepts. And in this dualism, on the other hand we have atheists, a word originating from the Greek term *atheos*, literally translated as “without god”, consisting of a philosophical view in which scientific proof of specification of the specification of the existence of a transcendental

¹ Doutoranda em Filosofia - Universidade Vale do Rio dos Sinos, Unisinos/RS. Mestrado Profissional em Gestão Empresarial (2020) pela Unifbv/PE; Graduação em Psicologia pela Universidade Católica de Pernambuco e em Direito pela Universidade Salgado de Oliveira - Recife. Especialização em Psicodiagnóstico - UNICAP/PE e Pós-Graduação em Direito Público (Constitucional, Administrativo e Tributário) - ESMape/TJPE.

being is needed. That's when the question arises, if God exists because he allows so many atrocities in the world? Where is his power to "protect", above all, innocent beings from continuous horrendous practices, including in the name of religion or cultural precepts characteristic of each society? On the other hand, we see atheism occupying more and more spaces among contemporary societies, perhaps motivated by discredit in religions, by personal "false prophecies" or supposed "divine visions", never scientifically proven, in addition to the gradual emptying of faithful and/or religious temples in the current century. Thus, it is in this brief report that I intend to explain in this article the problems, show the defined points and the likely solution, through justifications within Philosophy, for the topic to be developed.

KEYWORDS: God. Atheism. Science. Philosophy.

1 Introdução

Desde que o mundo é mundo, em sua essência, que a humanidade sempre propagou visões místicas sobre a existência de entidades e/ou deuses que pareciam conduzir ou mesmo decidir os destinos dos povos. No que se refere ao ser cultuado no catolicismo principalmente, chamado de Deus, o conceito descrito pelos teólogos é de um ser supremo, com atributos de onisciência, onipotência, onipresença e simplicidade divina, sendo ainda onibenevolente e amoroso. Porém, em face das contradições existentes tanto na religião como na ciência, surgem as perguntas: "Deus existe? E se existe, que provas consistentes ratificam tal posicionamento?"

A partir do questionamento anterior, podemos constatar alguns argumentos em torno da pergunta, como por exemplo: quando Anselmo de Aosta, filósofo beneditino da época medieval, propôs como solução "*a priori*", a fé, o não conhecimento de Deus dentro da razão, e a "*posterior*", o existir divino. Já Tomás de Aquino (1973), filósofo e teólogo, apresenta de maneira evidente, dentro do senso comum na sua metafísica do ser, a existência e a essência de Deus.

Por outro lado, dentro do mesmo âmbito, temos o ateísmo, conceituado na filosofia como uma postura teórica ou de vida, que nega a existência de Deus, alicerça raízes na filosofia grega pré-socrática, e teve como seu "primeiro discípulo", Diágoras, filósofo grego do século V antes de Cristo. Sendo assim, é no cerne da polêmica sobre a existência divina e no ateísmo, que esse estudo será desenvolvido.

E, para melhor situar o assunto dividimos o manuscrito nas seguintes seções, a saber: 1 Introdução; 2 A existência de Deus segundo Anselmo e Tomás de Aquino; 3 O Ateísmo; e 4 Considerações Finais. Com essa divisão, explicamos os problemas e os seus pontos críticos e a provável solução, através de justificativas dentro do campo filosófico.

2 A existência de Deus segundo Anselmo e Tomás de Aquino

Anselmo foi quem primeiro utilizou esse caminho da prova da existência de Deus. Ao pensar e inquirir sobre a incontestabilidade de Deus o filósofo trilhou dois métodos. Em sua obra “*Monologium*”, procede “*a posteriori*” (necessita ser demonstrado), a expectativa de provar Deus em seu “pertencer a realidade”, a partir dos fatos; em outra obra, “*Proslogium*”, Anselmo persegue uma forma de apresentar Deus como ser vivificado em nossas vidas em um modo que ele seja irrefutável, neste caso o filósofo procederá “*a priori*” (é evidente e imediato).

Por esta última forma, Anselmo defenderia este argumento: Deus é ser do qual outro maior não se pode pensar (ANSELMO *apud* MONDIN, 1982); com isso, afirma que Deus é aquele que toda perfeição contém e, por isso, existe; a sua existência está no conceito de perfeição que é aplicada à natureza e a Deus. Portanto, a concepção de Deus sem sua existência seria absurda. Não pertine nenhuma necessidade de demonstração da existência de Deus, pois ela é *incontinenti* – isto é, prova sem mediações.

No que pontue o argumento ontológico, Anselmo atribuiu a Deus a maior coisa que a mente humana pode conceber, e defendeu, que se é possível a sua existência no imaginário humano, ele também deve existir na realidade. Só que em seguida, Tomás de Aquino negou o argumento ontológico de Anselmo com amparo na ideia de que os humanos não podem entender a natureza divina. Ou seja, de modo simples, o que Tomás objurga no argumento anselmiano é que este, a partir da noção de Deus que temos no pensamento, isto é, *a priori*, se possa provar a Sua existência.

Segundo Tomás de Aquino, é ao contrário que se dá tal conhecimento. Tal argumento, nos estudos de Cordeiro (2018), revelam que deve ser tomado de modo

restrito e a *posteriori*, já que a ideia que se tem da existência das coisas circunstanciais não se dá na mesma medida que é a essência de Deus.

Como se vê, surge a problemática entre Anselmo e Tomás de Aquino. O que é que Tomás objeta ao argumento de Anselmo? Para Aquino, quando se expressa a proposição “Deus existe”, ninguém sabe que o predicado (existir) é inerente ao sujeito (Deus). Portanto, a existência de Deus que é notória por si mesma, não o é para todos os homens.

Nos parece que o problema entre os dois filósofos, situa-se no conhecimento que se tem da essência como representação de algo. Assim, na filosofia e na metafísica, essência que é tratada como elemento característico do ser em alguém, como a racionalidade, que faz do homem.

Nos argumentos de São Tomás de Aquino, segundo Brandão (2017, p.37), a essência é “quididade” ou a “natureza” abrange tudo que está expresso na definição da coisa, tanto a sua forma com a sua matéria. “(...) o segundo modo, há essência nas substâncias criadas intelectuais, nas quais o ser é outra coisa que essa essência, embora tal essência seja sem matéria”.

Por isso, “o ser delas não é absoluto, mas recebido: donde, também, limitado e finito, conforme a capacidade da natureza recipiente: mas a natureza ou essências delas é absoluta” (AQUINO, 1981, p. 84).

Neste caso, a essência, segundo Brandão (2017), é uma representação do que é comum, universal e que se encontra na alma de alguma pessoa ou de alguma coisa. É possível encontrar essência nos diversos entes. A essência reside própria e decerto nas substâncias e nos acidentes em sentido secundário ou menos próprio.

Dessa forma, os pontos críticos entre a visão de Tomaz de Aquino e Anselmo, se apresentam primeiro, nas diferenças. A existência de Deus a partir da própria ideia de Deus “prova” “a priori” parte do pressuposto de que a existência real é uma perfeição, sendo Deus o “Ser” que por definição possui todas as perfeições, devendo, à vista disso, possuir a existência. Moresco (2013), argumenta que, não pensar que Deus não existe, indica que a realidade da fé pode ser alcançada apenas pela razão e a “piori”, o senhor concedeu a razão em defesa da fé.

Já as semelhanças sobre o existir Deus na visão de ambos filósofos, trouxe conclusões que acima de Deus não se pode pensar em algo maior, em Deus não pode faltar nada. Deus é uma verdade não só revelada como também uma verdade inequívoca a razão.

A existência de Deus, para Moresco (2013), é a nossa aspiração para o bem, nos leva a chegar a uma conclusão de que procuramos com toda certeza o bem, ou seja, a sua fonte máxima, e todos os bens derivam de um bem único, um bem infinitamente maior, e em grau máximo, remontado a um só princípio, o bem supremo de onde resulta toda espécie de bem.

Por conseguinte, concluímos, nessa seção, que na explanação proposta por Anselmo e São Tomás de Aquino, o existir de Deus, baseia-se na crença de que a grandeza, a existência e a perfeição das coisas devem-se apenas a um ser supremo e indefinido, que até o momento a civilização conhece como “Deus”, ainda que possua outras denominações a partir da cultura de cada sociedade. Em sequência, abordaremos sobre o ateísmo.

3 O Ateísmo

Ateísmo é uma palavra que deriva de ateu, cujo significado origina-se do grego *atheos*, ou seja, “sem deus” (prefixo “a” no sentido de negação + “theos”, que significa Deus). Surgiu a partir do século V a.C., para indicar aqueles que eram opositores à existência de deuses ou que desdenhavam dos seus lugares sagrados.

É difícil precisar o que seria um ateu, porque isto depende da definição dos termos “Deus” e “Divindades”, os quais, possuem conotações diversas de acordo com cada cultura.

Se colocada em oposição ao seu antônimo -Teísmo - é considerado a crença em uma ou mais divindades, ateu é aquele que não acredita em um Ser transcendental. Porém,

há pessoas que creem nas forças da natureza, como os panteístas. Da mesma forma, há religiões como o [budismo](#) e o [taoísmo](#) que seguem ensinamentos de um ser iluminado, mas que não é considerada uma divindade (BEZERRA, s.d.).

Além disso, o ateu pode ser alguém que possua uma postura cética em relação aos fenômenos sobrenaturais e não tenha motivações religiosas. Também pode ser indiferente às forças paranormais (além do normal) e a morte seria o fim da existência humana na terra.

Desde a Antiguidade, tivemos sociedades que eram indiferentes aos deuses que a sua comunidade acreditava. O exemplo mais conhecido é o de Sócrates, que foi condenado à morte, dentre outras acusações, por não admitir os deuses em seu existir.

Com a paulatina cristianização da sociedade europeia, o simples fato de duvidar da existência de Deus, já não era bem visto pela Igreja Católica. Posteriormente, após a Reforma Protestante, o ateísmo foi rechaçado por estas novas correntes. Mas, segundo Bezerra (s/d), foi a Revolução Científica e o Iluminismo elementos propulsores de uma ideia que a Bíblia e a tradição religiosa não apresentavam todas as repostas para as questões humanas. A partir de então, ideologias como o comunismo e o anarquismo seriam consideradas, nas suas devidas restrições, como ateias.

Ao se reportar ao ateísmo filosófico seria quase uma redundância, pois a questão da existência de um Ser Superior ocupa o estudo de vários filósofos. Afinal, a prova empírica da existência de Deus é, em si mesma, um debate que se serve de figuras de linguagem e filosóficas.

O fato de não acreditar em Deus não significa que ele não exista. Ausência de evidência não quer dizer evidência de ausência. No entanto, registra Bezerra (s/d) a afirmativa de Darin McNabb², “enquanto Deus não aparecer em pessoa, não poderei afirmar que Ele exista”.

Sua crítica recai, sobretudo, às concepções que não tenham nenhuma prova comprovada por métodos científicos, ou mesmo, argumentos racionais para comprovar a existência divina. Com isso, afirmações sobre a existência de Deus pela experiência pessoal, pela tradição, ou em um livro, não serão provas válidas para um ateu.

Durante muito tempo perseguido, o ateu obteve o direito de cidadania no século XIX e acreditou mesmo poder proclamar a morte de Deus. Mas já no fim do século XX houve a tomada de consciência de que, "ao eclipsar-se, Deus levou consigo o sentido do

² Darin McNabb, filósofo, professor do Instituto de Filosofia de la Universidad de Vera Cruz, México.

mundo". E continua: o futuro é imprevisível, porque o ateísmo e a fé enquanto compreensão global do mundo, em certo ponto, estão em complementaridade. A ideia de Deus era um modo de apreender o universo na sua totalidade e dar-lhe, de forma teísta ou ateia, um sentido. Assim, a divisão hoje já não se limita tanto a crentes e descrentes como entre "aqueles que afirmam a possibilidade de pensar globalmente o mundo, de modo divino ou ateu, mas, aos que em uma visão fragmentária, propõe o aqui e agora, o imediato localizado.

Assim, percebe-se que a crise contemporânea é estranha. Borges (2007) ressalta que, enquanto o Ocidente se encontra desertificado de Deus, em outras culturas não só não há morte de Deus como, em vez da laicização, insistiam na sua Idade Média, em difundir que o seu Deus é o verdadeiro e o Ocidente está em vias de perdição.

No Brasil, "não ter religião" é uma afirmação que remete, em parte, ao fato de alguém apresentar-se como católico sem ser "praticante". Esse fenômeno é bem conhecido dos estudiosos do catolicismo no Brasil, onde o catolicismo das elites era visto como "social", isto é, algo herdado, involuntário, já o catolicismo "popular", nada mais era que devocional e frágil em suas relações com as instituições eclesiais. Por outro lado, remete também, a dimensão sincrética do catolicismo e a maneira como ele acaba por tornar-se o quadro de referência para a constituição e o reconhecimento de novas religiões.

Nos registros de Monteiro e Dullo (2014), o modo como o catolicismo operou como matriz de referência para a configuração da diversidade religiosa brasileira em todo o seu espectro, desde as religiões mais africanizadas até os esoterismos mais recentes da Nova Era, ele ofereceu as condições necessárias para que as delimitações religiosas permanecessem sempre porosas, sem nitidez e as organizações religiosas, sempre flexíveis e versáteis.

Dessa forma, a incidência do ateísmo no Brasil foi marcada, inicialmente, por uma forte presença católica até os anos 1980. Desde então, houve uma diminuição progressiva da população que se declara católica e um aumento substancial daqueles que se declaram cristãos não católicos. Houve, também, um significativo aumento daqueles que se declaram "sem religião", aqui cabe ressaltar que tal sentido não implica no "ser ateu",

mas a parcela da sociedade que se abstém de participar de qualquer discussão no âmbito religioso.

4 Considerações finais

Durante as pesquisas, leituras de vários textos e estudos sobre o tema em questão, como parâmetro para este artigo, é possível argumentar que apesar da ciência e da religião apresentar posições distintas sobre a existência de Deus, encontramos como eixo central dessa discussão a crença, ou porque não, a fé em contraponto as lacunas religiosas e/ou científicas que na realidade, não demonstram a existência de Deus por métodos experimentais e, sim, pela cultura de cada povo, que perpetua as suas tradições com base no bem viver, no princípio de que suas vidas são regidas por “um ser superior”, cuja sinonímia varia de acordo com as suas crenças.

Nesse sentido, perguntamos: e o ateísmo, aonde fica nesse entremeio? Ora, apesar de defendermos tal postura, o fato de não acreditar em Deus ou em outra entidade superior, não significa que neguem a sua existência, até porque o “ser ateu” é uma escolha de aspecto único e pessoal, nem tanto difundida no mundo como as práticas religiosas.

Referências

BEZERRA, J. *Ateísmo*. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/ateismo/>. Acesso em out 2021.

BORGES, A. *Ateísmo e sentido no mundo*. Disponível em: <https://www.dn.pt/arquivo/2007/ateismo-e-sentido-do-mundo-663303.html>. Acesso em out.2021.

BRANDÃO, A. G. *Ser e Essência: Binômio fundamental da Metafísica de Santo Tomás de Aquino*. Disponível em: <https://saladefilosofiaunisal.blogspot.com/2017/08/ser-e-essencia-binomio-fundamental-da.html>. Acesso em out 2021.

CORDEIRO, C. E. *A crítica de Tomás de Aquino à noção de Deus existir no pensamento do insensato, no Prólogo de Anselmo*. Revista Teologia Brasileira nº 89. Publicado em ago.2018. Disponível em: <https://teologiabrasileira.com.br/a-critica-de-tomas-de-aquino-a-nocao-de-deus-existir-no-pensamento-do-insensato-no-proslogio-de-anselmo>. Acesso em out 2021.

MONDIN, Batista. *Curso de filosofia: os filósofos do ocidente*. Trad. N. Benoni Lemos. 10. ed. São Paulo: Paulus, 1982. Coleção de Filosofia V. I.

MONTEIRO, P; DULLO, E. *Ateísmo no Brasil: da invisibilidade à crença fundamentalista*. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-33002014000300004> Publicado em nov 2014. Acesso em out 2021.

MORESCO, J. E. *Existência de Deus – Santo Anselmo e São Tomás de Aquino*. Publicado em out.2013. Disponível em: <http://betemoresco88.blogspot.com/2013/10/existencia-de-deus-santo-anselmo-e-sao.html>. Acesso em out 2021.

MOURA, J. V. C. *Existência de Deus: visões de Anselmo e Tomás de Aquino*. Publicado em 2017. Disponível em: <http://jornaltribunadonorte.net/noticias/existencia-de-deus-visoes-de-anselmo-e-tomas-de-aquino/>. Acesso 29.out.2021.

SILVA, O. A. M. *TOMÁS DE AQUINO E A ESSÊNCIA ABSOLUTAMENTE CONSIDERADA*. Scielo. Revista Kriterion. Nº 56 (131). Jan-jun 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0100-512X2015n13106mas>. Acesso em out 2021.